

PERFIL DE AUTOMEDICAÇÃO EM UNIVERSITARIOS DURANTE A PANDEMIA DA COVID-19

Assessment of self-medication among academic staff during the COVID-19 pandemic

Edna dos Santos Oliveira¹, Werlissandra Moreira do Suza¹

¹Universidade Federal do Oeste da Bahia, Barreiras, Bahia, Brasil

*Endereço para correspondência: Avenida Rui Barbosa, nº1583, Apt. 105, Bairro Aratu, Barreiras, BA, Brasil. CEP: 47.806-141. Telefone: + 55 71 99964-4303. E-mail: werlissandra.souza@ufob.edu.br. **Declaração de conflitos de interesses:** Não há potenciais conflitos de interesse relacionados à presente submissão.

doi: [10.29327/2343584.9.1-4](https://doi.org/10.29327/2343584.9.1-4)

Submetido: 29/11/2025

Aceito: 19/03/2026

RESUMO

Introdução: A automedicação entre estudantes universitários é um problema preocupante que se intensificou com a declaração de emergência sanitária, devido ao avanço da COVID-19 causada pelo vírus SARS-CoV-2¹. **Objetivo:** Realizar uma análise comparativa em relação a prática da automedicação entre estudantes de diferentes áreas de formação de uma instituição pública de ensino superior do oeste da Bahia durante a pandemia da COVID-19. **Materiais e Métodos:** Trata-se de um estudo observacional descritivo, com delineamento transversal. A pesquisa aconteceu com estudantes das áreas da saúde, exatas e humanas, da Universidade Federal do Oeste da Bahia, situado na cidade de Barreiras-BA. As informações foram coletadas por um questionário que analisou o perfil dos entrevistados e questões relacionadas ao conhecimento, causas da automedicação. **Resultados:** Foram ao todo 813 discentes das áreas da saúde, humanas e exatas. Este estudo constatou-se que a automedicação foi praticada com maior frequência entre os estudantes da área da saúde 80,4%, estes dados encontrados sugere que o conhecimento aprofundados em medicamentos pode contribuir para uma autoconfiança e assim utilizá-los sem prescrição médica. Dentre as justificativas de saúde que motivaram a prática da automedicação verificou-se que 67,3% (n=547) dos estudantes das três áreas de graduação relataram ter medo de infecção ou contato com casos suspeitos de covid-19. Em relação ao uso de medicamentos os mais utilizados foram as vitaminas. **Conclusão:** Este estudo mostrou que a automedicação tem uma prevalência alta entre os estudantes nas diferentes

área de formação, sendo ainda mais acentuada entre os estudantes da área da saúde. Além disso, observou-se que tais achados, reforçam a necessidade de intensificar a discussão sobre uso racional de medicamentos no âmbito educacional para a formação de profissionais e cidadãos mais conscientes quanto a responsabilidade do autocuidado.

Palavras-Chave: Automedicação, COVID-19, Estudante universitário.

ABSTRACT

Introduction: Self-medication among university students is a worrying problem that intensified with the declaration of a public health emergency due to the spread of COVID-19 caused by the SARS-CoV-2 virus¹. **Objective:** To conduct a comparative analysis regarding the practice of self-medication among students from different areas of study at a public higher education institution in western Bahia during the COVID-19 pandemic. **Materials and Methods:** This is a descriptive observational study with a cross-sectional design. The research was conducted with students from the health, exact sciences, and humanities areas of the Federal University of Western Bahia, located in the city of Barreiras-BA. Information was collected through a questionnaire that analyzed the profile of the respondents and questions related to knowledge and causes of self-medication. **Results:** The study included 813 students from the health, humanities, and exact sciences fields. This study found that self-medication was practiced more frequently among students in the health field (80.4%). These findings suggest that in depth knowledge of medications may contribute to self-confidence, leading to their use

without a prescription. Among the health justifications that motivated the practice of self-medication, 67.3% (n=547) of students from the three undergraduate areas reported fear of infection or contact with suspected cases of COVID-19. Regarding medication use, the most commonly used were vitamins. **Conclusion:** This study showed that self-medication has a high prevalence among

students in different areas of study, being even more pronounced among students in the health area. Furthermore, these findings reinforce the need to intensify the discussion about the rational use of medicines in the educational context for the training of more conscious professionals and citizens regarding the responsibility of self-care.

KeyWords: Self-medication, COVID-19, Students.

INTRODUÇÃO

A automedicação é definida pela Organização Mundial da Saúde (OMS) como uso de medicamentos para tratar sintomas autodiagnosticados sem prescrição médica¹. Envolve o uso de medicamentos de venda livre quanto medicamentos que necessitam de prescrição médica, bem como sobras de medicamentos de um tratamento anterior². Essa prática pode resultar em diversos riscos ao usuário, tais como reações adversas, resistência antimicrobiana, interações medicamentosas, mascaramentos de sintomas levando ao atraso do diagnóstico de doenças, dentre outros aspectos associados, se tornando um problema de saúde pública³.

No Brasil, antes da pandemia de COVID-19, dados já apontavam uma alta prevalência dessa prática na população. Uma pesquisa realizada pelo Conselho Federal de Farmácia (CFF), por meio do Instituto Datafolha em 2019 indicou que 77% dos brasileiros tinham o hábito de se automedicar⁴. Além disso, o Sistema Nacional de Informações Tóxico-Farmacológicas (Sinitox/FioCruz), registrou no ano de 2017 cerca de 20 mil casos de intoxicação por uso de medicamentos e 50 mortes, o que corresponde a uma letalidade de 0,25%⁵. Dados apontam que o país em questão comercializa quase 2 bilhões de caixas de medicamentos, o que torna o quarto país que mais consome produtos farmacêuticos, precedidos apenas por Estados Unidos, França e Alemanha. Assim, os Brasileiros consomem em média, 11 caixas de medicamentos por ano, sendo 8 deles consumidos sem orientação médica⁶.

Porém isso se intensificou com a declaração de emergência sanitária, devido ao avanço da COVID-19 causada pelo vírus SARS-CoV-2⁷. Estudos indicam que o hábito da prática da automedicação subiu de 77% em 2019 para quase 90% da população em 2022/2024⁸. Esse cenário se agravou com a combinação do medo de contaminação, falta de informações adequadas e da sobrecarga dos serviços de saúde, evidenciando a necessidade de políticas públicas junto às ações educativas que divulgam o uso seguro dos medicamentos⁷.

Embora existam dados que demonstram taxas da automedicação em nível nacional, observa-se uma lacuna de estudos sobre a prevalência da automedicação no oeste da Bahia. Sendo assim, estudar o assunto referente a automedicação vinculada ao âmbito acadêmico entre discentes é de suma relevância, pois a análise da automedicação é fundamental para identificar a necessidade e a demanda por serviços de saúde e criar políticas para minimizar os riscos que o uso irracional de medicamentos pode causar.

Tendo em vista esse parâmetro, o presente trabalho tem como objetivo realizar uma análise comparativa em relação a prática da automedicação entre estudantes de diferentes áreas de formação de uma instituição pública de ensino superior do oeste da Bahia durante a pandemia da COVID-19.

MATERIAIS E MÉTODOS

O projeto de pesquisa foi aprovado pelo Comitê de Ética e Pesquisa da UFOB sob CAAE 59217822.0.0000.8060 com o parecer nº 6.033.418. Aos estudantes participantes do estudo foi resguardado o direito à confidencialidade.

Trata-se de um estudo observacional descritivo, com delineamento transversal, realizado em uma instituição de ensino superior do oeste da Bahia, na cidade de Barreiras (BA). O Campi é organizado em 3 centros: Centro da Humanidades (CEHU), Centro de Ciências Exatas e da Tecnologias (CCET) e Centro de Ciências Biológicas e da Saúde (CCBC). A pesquisa foi conduzida no período de abril de 2023 a maio de 2024. O período recordatório que foi utilizado no estudo foi o espaço temporal compreendido desde o início da pandemia da COVID-19 até o momento da pesquisa, ou seja, para responderem ao questionário, os participantes forneceram informações referentes à prática da automedicação desde o início da pandemia da COVID-19. Uma amostragem aleatória simples estratificada, com partilha proporcional, foi realizada. Foram recrutados estudantes de cursos distintos do centro. Para esta seleção, foi solicitado apoio aos coordenadores de curso que auxiliaram na definição das turmas para compor a amostra e dos melhores horários para a realização da coleta de dados.

A população de estudo foi formada por 863 estudantes ativos do Centro das Humanidades, 1133 do Centro das Ciências Exatas e das Tecnologias e 731 da área da saúde. Para o cálculo do tamanho da amostra, considerando um intervalo de confiança de 99%, nível de significância de 4% e tolerando-se um erro amostral de 5%, estimou-se um tamanho da amostra de 813 estudantes.

Um questionário impresso foi utilizado para coleta de informações, elaborado com base na literatura e composto por questões sobre o perfil dos entrevistados (idade, sexo, estado civil, curso, semestre atual do

curso, etc.) e questões relacionadas ao conhecimento, às causas e prática da automedicação. Um estudo piloto foi realizado com objetivo de identificar possíveis problemas e ajustar o instrumento de pesquisa.

Essas questões tiveram o objetivo de conhecer aspectos do consumo de medicamentos como, por exemplo, uso de classes específicas de medicamentos, controlados ou não, sem orientação ou prescrição médica, problemas de saúde e sintomas em que esta prática foi adotada, razões que levaram, locais de aquisição de medicamento, aconselhamento com farmacêuticos, balconistas de farmácias ou outras pessoas para aquisição e uso dos medicamentos, emprego de prescrições médicas antigas, fontes de informação utilizadas, hábitos de leitura da bula de medicamentos, interferência do conhecimento adquirido ao longo do curso na prática da automedicação e ato de indicar medicamentos informalmente para outrem.

A coleta de dados foi realizada utilizando o instrumento desenvolvido, aos estudantes que atenderam os critérios de inclusão e exclusão pré-estabelecidos, após apresentação e assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), conforme Resolução CNS 466/2012⁹. Foram incluídos no estudo, estudantes: a) que possuíam vínculo ativo com a Universidade Federal do Oeste da Bahia - onde o estudo foi realizado; b) com idade igual ou superior a 18 anos. Como critério de exclusão foram excluídos discentes que não corresponderam aos critérios de inclusão acima citados, com limitações que os impossibilitem entender e responder perguntas e que, por quaisquer motivos, se recusem a participar da pesquisa ou de assinar o TCLE.

Os dados foram analisados empregando-se o software Package for Social Sciences (SPSS for Windos, version 19.00); e Excel (Microsoft Corp Estados Unidos), permitindo o processamento, a análise e tabulação dos dados, bem como construção de gráficos e tabelas da

pesquisa. As variáveis foram representadas por números absolutos (N) e percentuais (%). Também foi conduzida uma análise de associação utilizando o teste qui-quadrado para avaliar a relação entre a área de formação e a prática da automedicação, com o nível de significância foi de $p < 0,05$.

RESULTADOS

Ao todo, participaram do estudo 813 estudantes das áreas da saúde (farmácia, medicina e nutrição), da área de exatas e das tecnologias (Matemática, Engenharia Civil, Geologia, Engenharia Sanitária e Ambiental, Física, Bacharelado Interdisciplinar de Ciência e Tecnologia e de Química) e da área das humanidades (Direito, Administração, Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades, História Licenciatura e Bacharelado, Geografia Licenciatura e Bacharelado).

No que se refere às características sociodemográficas dos participantes revelou-se a predominância da faixa etária inferior a 24 anos 85% ($n=691$), sendo a maioria do gênero feminino 78,1% ($n=398$), quanto ao estado civil a maioria era solteiro 95,4% ($n=776$), e 66,5% ($n=541$) estavam entre o 1º ao 5º semestre do curso de graduação, enquanto do meio para o final do curso a prevalência da automedicação diminuiu, ficando em 33,5% dos estudantes. Ou seja, o semestre cursado e a prática da automedicação não teve diferença estaticamente significativa ($p=0,619$). As

características sociodemográficas e acadêmicas foram apresentadas na **Tabela 1**.

A análise da prática da automedicação mostrou maior frequência entre as mulheres 78,1% ($n=389$) em comparação aos homens 68,3% ($n=215$), sendo a diferença significativa ($p=0,002$). Na faixa etária e a automedicação não foram observadas associações significativas ($p=0,595$). Já na área de graduação observou-se que a automedicação apresentou maior frequência nos estudantes da saúde 80,4% ($n=205$), seguida pelos de exatas 73,9% ($n=252$) e de humanas 67,6% ($n=146$), com diferença significativa ($p=0,007$).

Conforme pode ser observado na **Tabela 1**, verificou-se que quando comparado a área de formação os estudantes da saúde 100% ($n=255$) já ouviram falar de automedicação; enquanto os estudantes da área de humanas 96,7% ($n=261$) e os estudantes da área de exatas 97,8% ($n=279$) relataram ter ouvido falar nesta prática. A frequência observadas entre as áreas não apresentaram diferença ($p=0,20$). Ao serem questionados sobre o conhecimento a respeito da automedicação 67,5% ($n=172$) dos estudantes da área da saúde relataram possuir conhecimento suficiente sobre automedicação. Já entre os estudantes da área de humanas 41,5% (112) e os da área das exatas 31,6% ($n=91$) afirmaram ter conhecimento suficiente. A diferença entre as áreas de graduação foi significativa ($p \leq 0,001$). Conforme pode-se observar na **Tabela 2**.

Tabela 1 - Caracterização da prática da automedicação entre universitários, segundo as variáveis demográficas, curso, semestre.

Variáveis	Automedicação			p-valor
	Sim n(%)	Não n(%)	Total n(%)	
Sexo				0,002
Feminino	389(78,1)	109(21,9)	498(61,2)	
Masculino	215(68,3)	100(31,7)	315(38,7)	
Faixa etária				0,595

≤24 anos	511(74)	180(26)	691(85)	0,851
>25 anos	93(76,2)	29(23,8)	122(15)	
Estado civil				
Solteiro	577(74,4)	199(25,6)	776(95,4)	0,007
Casado	27(73)	10(4,8)	37(4,6)	
Área de graduação				
Saúde	205(80,4)	50(19,6)	255(31,4)	0,619
Humanas	146(67,6)	70(32,4)	216(26,6)	
Exatas	252(73,9)	89(26,1)	341(42)	
Semestre				
1º ao 5º	399(73,8)	142(26,2)	541(66,5)	
6º ao 10º	205(67,9)	67(24,6)	272(33,5)	

Tabela 2 - Sobre conhecimento da prática da automedicação.

Variáveis	Curso				p-valor
	Saúde n(%)	Humanas n(%)	Exatas n(%)	Total n(%)	
<i>Você já ouviu falar em automedicação</i>					0,20
Sim	255 (100)	261 (96,7)	279 (97,8)	795 (97,8)	≤0,001
Não	0 (0,0)	7 (2,6)	9 (3,1)	16 (2)	
Não sei	0 (0,0)	2 (0,7)	0 (0,0)	2 (0,2)	
<i>Qual o seu conhecimento sobre automedicação</i>					≤0,001
Conhecimento suficiente	172 (67,5)	112 (41,5)	91 (31,6)	375 (46,1)	
Conhecimento insuficiente	83 (32,5)	158 (58,5)	197 (68,4)	438 (53,9)	
<i>As práticas de automedicação podem causar danos à saúde</i>					≤0,001
Sim	255 (100)	256 (94,8)	249 (86,5)	760 (93,5)	
Não	0 (0,0)	3 (1,1)	8 (2,8)	11 (1,4)	
Não sei	0 (0,0)	11 (4,1)	31 (10,8)	42 (5,2)	
<i>Avalie de 1 a 10 o seu conhecimento sendo 10 o seu domínio completo sobre a automedicação para covid-19</i>					
1	3 (1,2)	22 (8,1)	26 (9)	51 (6,3)	
2	6 (2,4)	13 (4,8)	11 (3,8)	30 (3,7)	
3	12 (4,7)	27 (10)	30 (10,4)	69 (8,5)	
4	20 (7,8)	41 (15,2)	46 (16)	107 (13,2)	
5	40 (15,7)	59 (21,9)	71 (24,7)	170 (20,9)	
6	40 (15,7)	34 (12,6)	43 (14,9)	117 (14,4)	
7	67 (26,3)	39 (14,4)	26 (9)	132 (16,2)	
8	42 (16,5)	24 (8,9)	28 (9,7)	94 (11,6)	
9	16 (6,3)	3 (1,1)	3 (1)	22 (2,7)	
10	9 (3,5)	8 (3)	4 (1,4)	21 (2,6)	

Em relação à percepção sobre a prática da automedicação e possíveis danos à

saúde, 100% (n=255) dos estudantes da área da saúde afirmaram que essa prática pode

causar prejuízos a saúde. Entre os estudantes da área de humanas e exatas 94,8% (n=256) e 86,5% (249) respectivamente, reconheceram os riscos associados ao uso de medicamentos sem a orientação de um profissional qualificado. No entanto 2,8% (n=8) estudantes da área de humanas não considera que a automedicação podem causar danos à saúde e 1,4 (n=11) da área das exatas. A diferença entre a área de formação dos estudantes foi significativa ($p \leq 0,001$), conforme pode observar na **Tabela 2**.

No que se refere ao domínio do conhecimento da automedicação para COVID-19, os estudantes atribuíram uma nota de 1 a 10 sendo 1 equivalente a pouco conhecimento e 10 domínio completo. Observou-se que 15,7% (n=40) estudantes da área da saúde atribuíram nota 5 indicando domínio mediano. Por outro lado, os estudantes da área de humanas atribuíram 21,9% (n=59), enquanto os estudantes da área de exatas 24,7% (n=71) disseram ter conhecimento sobre automedicação. Ao analisar as notas acima de 5 constatou-se que 26,3% (n=67) dos estudantes da área da saúde atribuíram nota 7, demonstrando maior domínio sobre automedicação para a COVID-19. Em comparação aos estudantes das áreas de humanas e exatas, apenas 14,9% (n=39) e 9% (n=26), respectivamente. A diferença entre as áreas de graduação foi estatisticamente significativa ($p \leq 0,001$) com base nas informações detalhadas na **Tabela 2**.

Dentre as justificativas de saúde que motivaram a prática da automedicação,

verificou-se que 67,3% (n=547) dos estudantes das três áreas de graduação relataram ter medo de infecção ou contato com casos suspeitos de COVID-19. O medo de ficar de quarentena ao contrair a doença foi mencionado por 49,8% (n=405) dos participantes da pesquisa, conforme a **Tabela 3**.

Além disso, a influência de amigos e parentes na prática da automedicação para prevenir a COVID-19 mostrou-se mais acentuada entre os estudantes da área de humanas 52,6% (n=142) e de exatas 44,4% (n=128), sendo menos expressiva entre os estudantes da área da saúde 33,3% (n=85). Em relação à influência da televisão, rádio, jornal e mídia social, observou-se maior prevalência entre os estudantes da área da saúde 58,8% (n=150), seguida pelos de humanas 50,7% (n=137) e de exatas 46,5% (n=134). A diferença entre as áreas de formação dos estudantes foi estatisticamente significativa ($p \leq 0,001$). Os dados estão detalhados na **Tabela 3**.

Verificou-se que 80,4% (n= 205) dos estudantes da saúde relataram ter recorrido à automedicação para o tratamento da COVID-19 ou outro problema de saúde, sem a prescrição de um profissional qualificado. Entre os principais motivos relatados por estes, destacam-se os sintomas de gripe 39,4% (n=320), dor de garganta 18,2% (n=148), tratamento da COVID-19 foram 7,3% (n=59) dos estudantes, diarreia 3,0% (n=24), outros problemas de saúde 26,3% (n=214) e casos em que não se aplica 5,9% (n=48), conforme mostra a **Tabela 4**.

Tabela 3 - Sobre medo, influências e causas da automedicação.

Variáveis	Curso			Total n(%)	p-valor
	Saúde n(%)	Humanas n(%)	Exatas n(%)		
Medo de infecção ou contato com caso suspeito ou conhecido de covid-19					0,00
Sim	176 (69)	189 (70)	182 (63,2)	547 (67,3)	
Não	73 (28,6)	49 (18,1)	73 (25,3)	195 (24)	
Não sei	6 (2,4)	32 (11,9)	33 (11,5)	71 (8,7)	
Medo de ficar de quarentena ou isolamento social se eu contrair a COVID- 19					0,001

Sim	135 (52,9)	144 (53,3)	126 (43,8)	405 (49,8)	0,199
Não	110 (43,1)	97 (35,9)	123 (42,7)	330 (40,6)	
Não sei	10 (3,9)	29 (10,7)	39 (4,8)	78 (9,6)	
Medo de estigma ou discriminação se eu contrair a doença					0,009
Sim	95 (37,5)	113 (41,9)	107 (37,2)	315 (38,7)	
Não	135 (52,9)	128 (47,4)	137 (47,6)	400 (49,2)	
Não sei	25 (9,8)	29 (10,7)	44 (15,3)	98 (12,1)	0,000
Apresentou pelo menos um sintoma relacionado a COVID-19					
Sim	188 (73,7)	165 (61,1)	185 (64,2)	538 (66,2)	
Não	60 (23,5)	86 (31,9)	80 (27,8)	226 (27,8)	0,00
Não sei	7 (2,7)	19 (7)	23 (2,8)	49 (6)	
Influência de amigos ou parentes para praticar a automedicação e prevenir a COVID-19					
Sim	85 (33,3)	142 (52,6)	128 (44,4)	355 (43,7)	0,001
Não	165 (64,7)	105 (38,9)	135 (46,9)	405 (49,8)	
Não sei	5 (2)	23 (8,5)	25 (8,7)	53 (6,5)	
Influência da televisão, rádio, jornal e mídia social pode levar a automedicação para COVID-19					0,001
Sim	150 (58,8)	137 (50,7)	134 (46,5)	421 (51,8)	
Não	98 (38,4)	113 (41,9)	122 (42,4)	333 (41)	
Não sei	7 (2,7)	20 (7,4)	32 (11,1)	59 (7,3)	

Além disso, entre as áreas de graduação, os estudantes da saúde apresentaram o maior índice 52,9% (n=135) do uso de medicamento não prescrito para prevenção da COVID-19, seguidos dos estudantes de exatas 23,3% (n=67) e de humanas 15,9% (n=43). A maioria dos medicamentos foi adquirida na farmácia 82,8% (n=673), enquanto uma pequena parcela dos estudantes relatou ter adquirido medicamento pela internet sendo 1,2% (n=3) da saúde, de humanas 0,4% (n=1) e de exatas 0,3% (n=1). A compra por meio de vendedor ambulante foi mencionada por 3,1% (n=3) de humanas e de exatas 0,3 (n=1) não havendo relatos entre os estudantes área da saúde, de acordo é mostrado na **Tabela 4**.

Em relação a variável “quem prescreveu o medicamento”, a diferença entre as áreas de formação foi estatisticamente significativa ($p \leq 0,001$). Observou-se que dentre os estudantes da área da saúde, a automedicação foi relatada por 33,3% (n=85), percentual semelhante

ao encontrado entre os estudantes de exatas 33,7% (n=97) e de humanas 29,3% (n=79). Quanto à indicação de medicamentos por amigos ou parentes, a frequência foi maior entre os estudantes de exatas 34% (n=98 e de humanas 32,2% (n=87), em relação aos estudantes da área da saúde, com 23,5% (n=60), conforme pode observar na **Tabela 4**.

Por outro lado o uso de medicamento com a prescrição médica teve menor frequência entre os estudantes de exatas 10,8% (n=31), seguido pelos da área de saúde de 13,7% (n=35), sendo mais relatado pelos estudantes de humanas 16,3% (n=44). E a orientação farmacêutica, a maior proporção foi observada na área de humanas 15,6% (n=42) seguido pela área da saúde 13,7% (n=35), e a menor entre os estudantes de exatas 8,7% (n=25), como é demonstrado na **Tabela 4**.

No que se refere ao uso, medicamentos antiparasitários, não foram observadas diferenças significativas entre as áreas de graduação. Os estudantes da área da saúde

foram os que mais utilizaram 11,4% (n=29), seguidos de exatas 8,0% (n=23) enquanto os estudantes de humanas registraram a menor frequência 3,0% (n=8). Já em relação ao uso de antimaláricos os estudantes de exatas apresentaram maior prevalência 5,6% (n=16), em comparação aos estudantes da saúde 2,0% (n=5) e de humanas 1,1% (n=3). Dentre as classe de medicamentos fitoterápicos e relaxantes musculares, mostrou-se mais frequente os estudantes de saúde e exatas, em comparação aos estudantes de humanas (**Tabela 5**).

Em relação ao uso de medicamentos os mais utilizados conforme a classificação Anatómico Terapêutica Química (ATC) da Organização Mundial da Saúde (OMS)¹⁰, foram o uso das vitaminas, sendo mais frequente entres os estudantes da área de exatas 68,8% (n=198) e de saúde 65,1%

(n=166) enquanto a área de humanas apresentou o menor uso 28,5% (n=77), mostrou diferença significativa ($p \leq 0,001$) em relação a área de formação. O uso de minerais teve valores próximos entre as áreas de exatas 9,7% (n=28) e da saúde 9,4% (n=24), e em relação à área de humanas, for a qual apresentou menor utilização desta classe medicamentosa 3,3% (n=9). Quanto aos antidepressivos, a análise não teve diferenças significativas ($p = 0,649$), sendo utilizados por 5,5% (n=14) entre os estudantes da saúde, seguido pelos estudantes da área de humanas 4,8%, exatas 3,8% (n=11), conforme apresentado a **Tabela 5**.

Tabela 4 - Sobre o prescritor e onde adquiriu o medicamento.

Variáveis	Curso				p-valor
	Saúde n (%)	Humanas n (%)	Exatas n (%)	Total n (%)	
<i>Você já ouviu falar em automedicação</i>					0,20
Sim	255 (100)	261 (96,7)	279 (97,8)	795 (97,8)	
Não	0 (0,0)	7 (2,6)	9 (3,1)	16 (2)	
Não sei	0 (0,0)	2 (0,7)	0 (0,0)	2 (0,2)	
<i>Qual o seu conhecimento sobre automedicação</i>					$\leq 0,001$
Conhecimento suficiente	172 (67,5)	112 (41,5)	91 (31,6)	375 (46,1)	
Conhecimento insuficiente	83 (32,5)	158 (58,5)	197 (68,4)	438 (53,9)	
<i>As práticas de automedicação podem causar danos à saúde</i>					$\leq 0,001$
Sim	255 (100)	256 (94,8)	249 (86,5)	760 (93,5)	
Não	0 (0,0)	3 (1,1)	8 (2,8)	11 (1,4)	
Não sei	0 (0,0)	11 (4,1)	31 (10,8)	42 (5,2)	
<i>Avalie de 1 a 10 o seu conhecimento sendo 10 o seu domínio completo sobre a automedicação para covid-19</i>					$\leq 0,001$
1	3 (1,2)	22 (8,1)	26 (9)	51 (6,3)	
2	6 (2,4)	13 (4,8)	11 (3,8)	30 (3,7)	
3	12 (4,7)	27 (10)	30 (10,4)	69 (8,5)	
4	20 (7,8)	41 (15,2)	46 (16)	107 (13,2)	
5	40 (15,7)	59 (21,9)	71 (24,7)	170 (20,9)	
6	40 (15,7)	34 (12,6)	43 (14,9)	117 (14,4)	

7	67 (26,3)	39 (14,4)	26 (9)	132 (16,2)
8	42 (16,5)	24 (8,9)	28 (9,7)	94 (11,6)
9	16 (6,3)	3 (1,1)	3 (1)	22 (2,7)
10	9 (3,5)	8 (3)	4 (1,4)	21 (2,6)

Tabela 5 - Classes de medicamentos mais utilizados pelos estudantes da área da saúde, humanas e exatas de uma instituição de ensino superior do oeste da Bahia.

Variáveis	Curso			Total n (%)	p-valor
	Saúde n (%)	Humanas n (%)	Exatas n (%)		
<i>Você fez uso de vitaminas</i>					≤0,001
Sim	166 (65,1)	77 (28,5)	198 (68,8)	441 (54,2)	
Não	89 (34,9)	193 (71,5)	90 (31,3)	372 (45,8)	
<i>Você fez uso de minerais</i>					0,009
Sim	24 (9,4)	9 (3,3)	28 (9,7)	61 (7,5)	
Não	231 (90,6)	261 (96,7)	260 (90,3)	752 (92,5)	
<i>Você fez uso de antidepressivos</i>					0,649
Sim	14 (5,5)	13 (4,8)	11 (3,8)	38 (4,7)	
Não	241 (94,5)	257 (95,2)	277 (96,2)	775 (95,3)	
<i>Você fez uso de antiparasitários</i>					≤0,001
Sim	29 (11,4)	8 (3,0)	23 (8,0)	60 (7,4)	
Não	226 (88,6)	262 (97,0)	265 (92,0)	753 (92,6)	
<i>Você fez uso de antimaláricos</i>					0,004
Sim	5 (2,0)	3 (1,1)	16 (5,6)	24 (3,0)	
Não	250 (98,0)	267 (98,9)	272 (94,4)	789 (97,0)	
<i>Você fez uso de antibióticos</i>					0,24
Sim	22 (8,6)	44 (16,3)	33 (11,5)	99 (12,2)	
Não	233 (91,4)	226 (83,7)	255 (88,5)	714 (87,8)	
<i>Você fez uso de fitoterápicos</i>					≤0,001
Sim	55 (21,6)	38 (14,1)	83 (28,8)	175 (21,6)	
Não	200 (78,4)	232 (85,9)	205 (71,2)	637 (78,4)	
<i>Você fez uso de relaxante muscular</i>					≤0,001
Sim	63 (24,7)	26 (9,6)	83 (28,8)	172 (21,2)	
Não	192 (75,3)	244 (90,4)	205 (71,2)	641 (78,8)	
<i>Outros</i>					≤0,001
Sim	73 (28,6)	43 (15,9)	96 (33,3)	212 (26,1)	
Não	182 (71,4)	227 (84,1)	192 (66,7)	601 (73,9)	
<i>Não se aplica</i>					≤0,001
Sim	15 (5,9)	0 (0,0)	23 (8,0)	38 (4,7)	
Não	240 (94,1)	270 (100)	265 (92,0)	775 (95,3)	

DISCUSSÃO

O presente estudo teve como objetivo comparar a prática da automedicação em estudantes universitários de diferentes áreas de formação, buscando compreender sobre o comportamento desses estudantes no contexto da pandemia de COVID-19 no oeste da Bahia. A automedicação entre estudantes já era uma prática comum antes da pandemia, como evidenciado em um estudo realizado no Recife, PE, Brasil (57,7%), que relata elevadas taxas de automedicação entre estudantes universitários, principalmente com analgésicos e vitaminas¹¹.

Em relação ao cenário pandêmico, observou-se aumento na prevalência da automedicação, estimada em 49% na população geral. Os dados indicam que a maior incidência foi na Ásia 53%, enquanto na Europa apresentou taxas menores 40,8%². Já no Brasil a prevalência da automedicação para tratar doenças autopercibidas foi relatado por 69,4% da população¹². Quando analisado por grupos os achados mostram maior predominância entre estudantes, 54,5%, em comparação a outros segmentos populacionais, sendo os profissionais da saúde o grupo com menor incidência 35,5%². O estudo constatou que a automedicação foi mais frequente entre os estudantes da área da saúde 80,4%. Este achado pode estar associado ao maior nível de conhecimento sobre medicamentos nesse grupo, o que possivelmente contribui para uma maior autoconfiança e, consequentemente, para o uso de medicamentos sem prescrição médica¹³.

Resultados semelhantes foram observados em outras pesquisas que apontaram alta prevalência da prática da automedicação entre os estudantes universitários, inclusive na área da saúde. Uma pesquisa realizada por Costa, *et al.* (2022)¹⁴, mostrou que 61,5% dos estudantes de enfermagem relataram ter feito uso de medicamentos sem prescrição. Esses achados corroboram com o presente estudo,

demonstrando que a prática da automedicação é um problema de saúde pública global e que em situações de emergência sanitária como a pandemia de COVID-19 acaba sendo intensificado. Embora a automedicação esteja associada ao aumento de riscos como efeitos adversos, interações medicamentosas e outros prejuízos à saúde quando realizada sem prescrição médica ou orientação farmacêutica. A Organização Mundial da Saúde (OMS) reconhece que a automedicação pode constituir uma forma de autocuidado, desde que seja realizada de maneira segura, com o uso de medicamentos Isento de Prescrição Médica (MIPs) e em doenças auto-limitadas^{15,16}. Além disso, no presente estudo 100% dos estudantes que são da área da saúde relataram que a prática da automedicação pode causar danos à saúde, entretanto uma parcela pequena de estudantes das áreas de humanas e exatas disseram que esta prática não acarreta em danos à saúde. Estes dados mostram a influência da formação acadêmica na compreensão dos riscos associados ao uso irracional dos medicamentos.

Diversos fatores identificados nesta pesquisa influenciaram os estudantes na prática da automedicação, destacando-se o medo de infecção, o contato com casos suspeitos de COVID-19, o receio de necessidade de quarentena e o isolamento social. Esses achados evidenciam que a pandemia gerou insegurança e medo, o que contribuiu para o aumento do autocuidado e, consequentemente, para o maior uso de medicamentos sem prescrição médica. Corroborando esses resultados, estudo de Helal *et al.* (2017)¹⁷ demonstrou que uma das principais justificativas para a automedicação é a percepção de que não há necessidade de consulta médica diante de condições consideradas autolimitadas, como cefaleia, febre, dor de garganta e cólicas intestinais. Ademais, a literatura aponta que a prática da automedicação também sofre influência de fatores

externos, incluindo a mídia, bem como orientações de amigos e familiares¹⁸.

Em relação aos sintomas que levaram à automedicação, os mais prevalentes foram gripe, dor de garganta e COVID-19. Já em outras pesquisas, há relatos de estudantes que se automedicaram para doenças nas quais já possuíram experiências prévias, como dor de cabeça e febre e que não apresentavam sintomas de gravidade^{19,20}. Além destes fatores, foram apontados a disponibilidade de medicamentos em casa²¹ e o fato de não ser necessário ir a uma consulta médica, o que representa uma economia de tempo²². Entre os estudantes da área da saúde foi ainda mencionado que tinham conhecimento suficiente em farmacologia como justificativa a prática²³.

Em relação a propagação de informações de que os antimaláricos seriam medicamentos eficazes na profilaxia e terapêutica em pacientes com COVID-19, contribuiu para o aumento no seu uso. Além disso, embora esses medicamentos sejam usados no tratamento da malária e de doenças inflamatórias como artrite reumatoide e lúpus, se tornaram amplamente usados na pandemia devido a um estudo randomizado que se mostrou promissor²⁴. Ademais, para aumentar a eficácia terapêutica, alguns estudos propuseram a associação com azitromicina, um macrolítico antibacteriano, que embora não tenha apresentado comprovação científica foram largamente usados pela população²⁵.

Em relação ao uso de vitaminas durante a pandemia, o aumento de consumo também foi evidenciado em um estudo realizado por Santos *et. al.*, (2022)¹⁷, com o objetivo de avaliar o consumo destes suplementos alimentar antes e durante o período pandêmico. No estudo os participantes que iniciaram o uso durante a pandemia relataram o uso de suplementos vitamínicos para aumentar imunidade e reduzir o risco de doenças²⁶. Ademais um maior percentual do uso de antibióticos na presente pesquisa, foi observado entre os estudantes de humanas e exatas em

comparação aos da saúde, estes dados mais elevados se evidenciam por não terem conhecimentos técnicos relacionados aos medicamentos. Um estudo realizado sobre automedicação de estudantes universitários não médicos mostrou que 42,8% relataram uso sem orientação de um profissional, além disto o conhecimento sobre o medicamento foi avaliado e uma proporção pequena relataram já ter ouvido falar sobre resistência bacteriana²⁷. Estes achados demonstram a necessidade de realizar educação em saúde com o objetivo de promover o conhecimento sobre o uso racional de medicamentos e que o farmacêutico exerce um papel fundamental na promoção do uso seguro de medicamentos, sendo essencial na orientação da população no acesso a informações corretas e contribuindo para a redução de automedicação.

CONCLUSÃO

Este estudo mostrou que a automedicação tem uma prevalência alta entre os estudantes nas diferentes áreas de formação, sendo ainda mais acentuada entre os estudantes da área da saúde devido ao conhecimento farmacológico e assim apresentar uma autoconfiança em relação a prática da automedicação. Durante a pandemia da COVID-19, os estudantes se automedicaram impulsionados por fatores como o medo de contrair a doença, influência de amigos, parentes, e a influência da mídia. Além disso, é importante destacar que a utilização do período recodatório constitui um fator limitante, pois as respostas dos participantes estão sujeitas ao viés de memória, ou seja, depende da capacidade de recordação de cada participante da pesquisa. No que se refere a comparação dos estudantes de diferentes áreas de formação em relação a automedicação, os resultados expostos reforçam a necessidade de implementar ações de conscientização sobre os riscos

associados ao uso indiscriminado de medicamentos sem orientação profissional.

REFERÊNCIAS

1. World Health Organization. Diretrizes para a avaliação regulatória de medicamentos para uso em automedicação: princípios gerais. WHO Drug Inf. 2000;14(1):18-26.
2. Kazemioula G, Golestani S, Alavi SMA, Taheri F, Gheshlagh RG, Lotfalizadeh MH. Prevalência de automedicação durante a pandemia de COVID-19: uma revisão sistemática e meta-análise. Front Public Health. 2022;10:1041695. doi:10.3389/fpubh.2022.1041695.
3. Hughes CM, McElnay JC, Fleming GF. Benefits and risks of self medication. Drug Saf. 2001;24(14):1027-37. doi:10.2165/00002018-200124140-00002.
4. Conselho Federal de Farmácia. Pesquisa aponta que 77% dos brasileiros têm o hábito de se automedicar [Internet]. São Paulo: Conselho Regional de Farmácia de São Paulo; 2019 [citado 2026 abr 19]. Disponível em: <https://portal.crfsp.org.br/noticias/10535-pesquisa-aponta-que-77-dos-brasileiros-tem-o-habito-de-se-automedicar.html>
5. Sistema Nacional de Informações Tóxico-Farmacológicas. Evolução dos casos registrados de intoxicação humana por agentes tóxicos [Internet]. Rio de Janeiro: Fundação Oswaldo Cruz; 2009 [citado 2022 maio 18]. Disponível em: <http://sinitox.icict.fiocruz.br/dados-nacionais>
6. Gushiken VO, Hayashida MN, Meletti JFA. Self-medication in students of the Faculty of Medicine. Perspectivas Médicas. 2013;24(1):10-9.
7. Sadio AJ, Gbeasor-Komlanvi FA, Konu RY, Bakoubayi AW, Tchankoni MK, Bitty-Anderson AM, et al. Assessment of self-medication practices in the context of the COVID-19 outbreak in Togo. BMC Public Health. 2021;21:58. doi:10.1186/s12889-020-10145-1.
8. Conselho Federal de Farmácia. Pesquisa revela que 9 entre 10 brasileiros se automedicam [Internet]. Brasília: Conselho Federal de Farmácia; 2024 [citado 2026 abr 19]. Disponível em: <https://site.cff.org.br/noticia/Noticias-gerais/23/04/2024/pesquisa-revela-que-9-entre-10-brasileiros-se-automedicam>
9. Brasil. Conselho Nacional de Saúde. Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012 [Internet]. Brasília: Conselho Nacional de Saúde; 2012 [citado 2025 nov 4]. Disponível em: <https://www.gov.br/conselho-nacional-de-saude/pt-br/acao-a-informacao/legislacao/resolucoes/2012/resolucao-no-466.pdf>
10. World Health Organization. Drug statistics methodology [Internet]. Geneva: WHO; 2019 [citado 2025 set 20]. Disponível em: https://www.whooc.no/atc_ddd_index/
11. Aquino DS de, Barros JAC de, Silva MDP da. A automedicação e os acadêmicos da área de saúde. Ciênc saúde coletiva [Internet]. 2010Aug;15(5):2533-8. Available from: <https://doi.org/10.1590/S1413-81232010000500027>
12. Bazoni PS, Faria RJ, Cordeiro FJR, Timóteo ÉDS, Silva AM, Horsth AL, et al. Automedicação durante a pandemia de COVID-19 no Brasil: achados e implicações para a promoção do uso racional de medicamentos. Int J Environ Res Public Health. 2023;20(12):6143. doi:10.3390/ijerph20126143.
13. Verma RK, Mohan L, Pandey M. Evaluation of self medication among professional students in North India: proper statutory drug control must be implemented. Asian J Pharm Clin Res. 2010;3(1):60-4 [citado 2025 nov 1]. Disponível em: <https://www.innovareacademics.in/journal/ajpcr/Vol3Issue1/270.pdf>
14. Costa RSL, Galdino ACA, Macedo GS, Hernandez MTF, Lima AG. Prática da automedicação entre acadêmicos de enfermagem durante a pandemia de COVID-19. Rev Enferm Contemp. 2022;11.
15. Organização Mundial da Saúde. Diretriz da OMS sobre intervenções de autocuidado para a saúde e o bem-estar: revisão de 2022 [Internet]. Genebra: Organização Mundial da Saúde; 2022 [citado 2025 nov 7]. Disponível em: <https://www.who.int/publications/i/item/9789240052192>
16. Agência Nacional de Vigilância Sanitária. Uso racional de medicamentos e automedicação [Internet]. Brasília: ANVISA; 2020 [citado 2025 nov 7]. Disponível em: <https://www.gov.br/anvisa/pt-br/assuntos/medicamentos>
17. Helal RM, Abou-ElWafa HS. Self-medication in university students from the city of Mansoura, Egypt. J Environ Public Health. 2017;2017:9145193. doi:10.1155/2017/9145193.
18. Santos DM, Queiroz MCR. Consumidor de suplementos vitamínicos: um estudo de caso frente à COVID-19. Rev Cent Pós-Grad Pesq Oswaldo Cruz. 2022;32:1-11.
19. Abdi A, Faraji A, Dehghan F, Khatony A. Prevalence of self-medication practice among health sciences students in Kermanshah, Iran. BMC

- Pharmacol Toxicol. 2018;19:36.
doi:10.1186/s40360-018-0231-4.
20. Likhari S, Jain K, Kot LS. Practice of self-medication and health-seeking behavior among medical students during the COVID-19 pandemic: a cross-sectional study. *MGM J Med Sci.* 2022;9:189. doi:10.4103/mgmj.mgmj_107_21.
21. Azevedo MC, Santos RP, Menezes ACPM. Influência da propaganda na automedicação entre a população de Vitória da Conquista. *Id on Line Rev Psicol.* 2023;17(65):383-96.
22. Kasulkar AA, Gupta M. Self medication practices among medical students of a private institute. *Indian J Pharm Sci.* 2015;77(2):178-82. doi:10.4103/0250-474X.156569.
23. Almalak H, Alblawi AI, Alkheib DA, Alsaleh HM, Khan TM, Hassali MAA, et al. Students' attitude toward use of over the counter medicines during exams in Saudi Arabia. *Saudi Pharm J.* 2014;22(2):107-12. doi:10.1016/j.jsps.2013.02.004.
24. Shah SJ, Ahmad H, Rehan RB, Najeeb S, Mumtaz M, Jilani MH, et al. Self-medication with antibiotics among non-medical university students of Karachi: a cross-sectional study. *BMC Pharmacol Toxicol.* 2014;15:74. doi:10.1186/2050-6511-15-74.
25. Badiger S, Kundapur R, Jain A, Kumar A, Pattanshetty S, Thakolkaran N, et al. Self-medication patterns among medical students in South India. *Australas Med J.* 2012;5(4):217-20. doi:10.4066/AMJ.2012.1007.
26. Savarino A, Lucia MB, Rastrelli E, Rutella S, Golotta C, Morra E, et al. Anti-HIV effects of chloroquine: inhibition of viral particle glycosylation and synergism with protease inhibitors. *J Acquir Immune Defic Syndr.* 2004;35(3):223-32.
27. Silva WBH, et al. Quais razões levam jovens universitários da área de saúde a fazerem uso de automedicação? *Glob Acad Nurs J.* 2021;2(2).